

MARCUSCHI, L. A. (2007). *Fenômenos da linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 168p. ISBN 978-85-86930-63-8.

O livro *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*, publicado em 2007 pela Editora Lucerna, é uma coletânea de artigos e ensaios de Luiz Antônio Marcuschi, reconhecido professor da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Organizada em oito capítulos precedidos de uma apresentação assinada por Dino Preti, a obra apresenta um panorama da evolução do pensamento lingüístico de seu autor: os textos reunidos no volume são, em boa parte, resultantes da apresentação de trabalhos em congressos –foram publicados por Marcuschi em três décadas de trabalho dedicado ao debate de questões lingüísticas– e trazem, todos, o tom questionador e polêmico que caracteriza seu autor.

O primeiro capítulo da coletânea, intitulado “Aspectos problemáticos numa Semântica Lógica para línguas naturais”, foi publicado primeiramente no volume 17 do periódico *Estudos da Linguagem*, em 1979. Trata-se de uma crítica ao texto “*Universal Grammar*”, publicado em 1970 por Richard Montague. A crítica tem por base o comentário de Helmuth Schnelle, seu tradutor para o alemão, que introduziu em sua tradução uma crítica à proposta de Montague com base na Gramática Gerativa Transformacional. O texto parece ocupar-se de discussão já ultrapassada no atual estágio de desenvolvimento da ciência lingüística –as teorias não são constantes trans-históricas; são passíveis de crítica e constantemente superadas. Por exemplo, Marcuschi debruça-se sobre questões semânticas à época problemáticas mas atualmente já resolvidas. Isso não põe em xeque a qualidade do texto ou seu valor histórico, mas levanta dúvidas sobre a pertinência da republicação desse texto especificamente.

O segundo texto do volume, “A formação de conceitos como questão semântica”, publicado na *Revista Brasileira de Lingüística*, 5 (2), 1978, abarca uma discussão teórica no âmbito da semântica, tendo por base uma análise da exposição de pesquisas de Vygotski apresentadas em *Pensamentos de linguagem*. O ensaio oferece uma revisão introdutória às definições de ‘conceito’ e de ‘cognição’ em Filosofia e em Psicologia e às diferenças entre as abordagens de ambas as áreas, tendo por base autores como Bühler, Vygotski, Frege e Carnap. Marcuschi conclui que “se por um lado a Filosofia permanece apenas no desenvolvimento lógico do conceito, por outro a Psicologia retrai-se para a estruturação psicológica do mesmo” (p. 55), e tendo isso em vista discute a possibilidade de uma contribuição por parte da Lingüística mostrar-se relevante nesse debate. É essa a tese que o autor passa a defender no artigo, reclamando a superação do “marasmo teórico” da semântica em relação a ‘conceito’ por meio de relação interdisciplinar voltada para a Psicolingüística.

No artigo “Interação, contexto e sentido literal” –publicado anteriormente no volume 17 do periódico *Investigações*, de 2004–, Marcuschi parte

do pressuposto de que “a significação é trabalho social” (p. 77) para discutir a natureza socialmente dependente do desenvolvimento da linguagem, com base em Bakhtin. O autor desconstrói dicotomias como social/individual; cognitivo/biológico; objetivo/subjetivo; fato/valor, denunciando a incoerência de posturas extremas como as de Chomsky, que frisa “em excesso o lado biológico” (p. 79). Por fim, Marcuschi conclui que a linguagem ultrapassa a mera forma para constituir-se uma “forma de ação”.

O quarto capítulo do volume reproduz o texto “Tópicos de análise da conversação: notas sobre a noção de relevância condicional”, primeiramente publicado na revista *Encontro* 14 (14), de 1998. A fim de discutir relevância condicional, o autor revisa o texto “Relevância conversacional”, de Marcelo Dascal. Marcuschi inicia por definir ‘par adjacente’ como “duas ações [lingüísticas] praticadas uma por cada falante, sendo a primeira uma ação relevante que condiciona outra ação complementar notável como reação correspondente” (p. 100, acréscimo meu) e por ressaltar que embora a noção tenha sido desenvolvida para se referir a ações coordenadas como pergunta/resposta, não se restringe a esse tipo de interação. Na seqüência, o autor apresenta dois exemplos de interações e os analisa com base na relevância condicional. Para embasar sua discussão, Marcuschi transita entre conceitos da Análise Conversacional, da Semântica, da Pragmática e da Lógica.

Em “A arte de definir”, quinto capítulo da coletânea, inicialmente publicado na *Revista Brasileira de Filosofia* em 1976, Marcuschi parte da constatação da carência, em Lingüística, de trabalhos a respeito do termo ‘definição’ e de seu conceito. O autor enaltece, portanto, o livro *Definições: termos teóricos e significado*, então recém-lançado por L. Hegenberg. O capítulo dedica-se a uma resenha elogiosa dessa obra.

O Capítulo 6 refere-se a um texto escrito em 1975, revisto em 1978, publicado na revista *Pórtico* em 1984 e republicado na revista *Estudos da Linguagem* em 2000. O próprio autor enfatiza, na “nota histórica prévia”, que a republicação do texto em 2000 já tinha valor documental, e que alguns avanços já então observados nos estudos da metáfora seriam ignorados na republicação. É o caso do influente livro de Lakoff & Johnson, publicado em primeira edição em 1980. Em seu texto, Marcuschi enfatiza o tema da metáfora como sendo um dos mais estudados no campo da linguagem desde Aristóteles, e cuja tradição teórica havia experimentado (até então) uma unidade digna de nota. Sendo assim, o objetivo do autor é chamar atenção para a metáfora como algo mais que fenômeno lingüístico, deslocando-a “da esfera puramente semântica para a área da teoria do conhecimento” (p. 119).

O sétimo capítulo da coletânea, intitulado “Notas sobre a interjeição”, havia sido publicado em 1993 na *Revista Investigações*. Marcuschi observa que a interjeição é “o único fenômeno lingüístico exclusivo da língua portuguesa falada” (p. 133), no sentido de que mesmo quando aparece na escrita isso acontece em contexto de diálogo, ou seja, em representação de fala. Ten-

do em vista o pouco interesse que o estudo da interjeição tem despertado em lingüistas e gramaticistas, o autor decide explorar o fenômeno em seu contexto específico, identificado como sendo a prática discursiva. Para tanto, utiliza dados de português falado provenientes do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta) e do Projeto CONESP (Projeto Conversação Espontânea). As conclusões de Marcuschi apontam as interjeições como discursivamente relevantes para a criação de um clima de maior naturalidade e espontaneidade, tese que, segundo o autor, poderia ser comprovada inclusive com dados literários, no estudo dos diálogos que representam falas de personagens.

O capítulo final da coletânea é o texto “A ação dos verbos introdutores de opinião”, publicado originalmente em 1991 na *Revista Brasileira de Comunicação*. Nesse texto, Marcuschi ocupa-se de um estudo dos *verbos dicendi*, argumentando que o uso dos verbos introdutores de opinião tem importância fundamental na manipulação de informações, notadamente aquelas veiculadas na mídia. O tema do artigo, sem dúvida, é pertinente, e talvez esse seja o texto de maior atualidade da coletânea.

Em termos da organização estrutural de *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*, teria sido interessante manter a ordem cronológica dos textos, o que daria ao/à leitor/a dessa obra a possibilidade de acompanhar a evolução dos problemas lingüísticos considerados pelo autor. Entretanto, a ordem cronológica das publicações não foi observada na organização da coletânea, o que exige do/a leitor/a interessado/a nessa evolução dos interesses do autor uma atenção especial.

Embora a atualidade de alguns textos possa ser discutível, o que põe em questão a pertinência de sua republicação, o livro tem o mérito de criar a oportunidade de uma visão panorâmica de temas polêmicos em lingüística entre as décadas de 1970 e 2000. O livro pode ser interessante para lingüistas iniciantes tomarem conhecimento dessas polêmicas ou para lingüistas experientes revisitá-las. Nesse sentido, os textos confirmam a personalidade indagadora de seu autor: não trazem respostas, mas reflexões; não encerram questões, ao contrário: as levantam.

Viviane de Melo Resende

Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade

Universidade de Brasília

vivianemelo@unb.br